

O contexto histórico e as mudanças na recepção crítica de *A moreninha*

Rosália de Almeida Dias

Submetido em 11 de agosto de 2012.

Aceito para publicação em 27 de março de 2013.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 45, dezembro de 2012. p. 19-38.

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Quarta-feira, 27 de março de 2013

23:59:59

O CONTEXTO HISTÓRICO E AS MUDANÇAS NA RECEPÇÃO CRÍTICA DE *A MORENINHA*

Rosália de Almeida Dias*

RESUMO: *Este artigo tem por objetivo analisar as mudanças ocorridas na recepção crítica da obra A moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo, ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. A recepção oitocentista, contemporânea à publicação do romance, foi extremamente elogiosa com a obra, agradando tanto ao público quanto à crítica, tornando-se o primeiro best-seller brasileiro. Essa mesma obra, no século XX, foi apontada por alguns críticos como sendo possuidora de mero valor documental. Já na recepção atual, o valor da obra é resgatado por pesquisadores que, ao analisá-la levando em conta seu contexto histórico de origem, destacam a sua importância para a formação do romance brasileiro.*

PALAVRAS-CHAVE: *A moreninha; recepção crítica; contexto histórico.*

1. INTRODUÇÃO

A moreninha é o principal romance da fase introdutória do Romantismo brasileiro e até hoje é um dos mais conhecidos representantes da nossa prosa romântica. Seu enredo é centrado na história de amor entre Augusto e Carolina e registra os costumes da sociedade carioca oitocentista.

Sendo a primeira obra da literatura brasileira a obter sucesso de público, agradando também à crítica da época, permanece na cultura brasileira devido às adaptações para o cinema, teatro, televisão e quadrinhos. No século atual, ainda é reeditada com relativo sucesso e é obra sempre presente nas salas de aula, fazendo parte do currículo escolar.

Publicada em 1844, é a primeira e mais conhecida obra de Joaquim Manuel de Macedo e proporcionou a seu autor fama imediata, inaugurando o chamado romance urbano em nosso país.

Esse romance foi escrito após a oficialização da independência política brasileira, ocorrida em 1822, período em que crescia no país o desejo de independência também em relação à literatura portuguesa, para que o Brasil pudesse se afirmar como nação. É época, portanto, de crescente sentimento nacionalista em que era bem forte o interesse em exaltar nossa cultura, nossas belezas naturais, ou seja, desejava-se construir uma identidade própria para o país recém-liberto.

O surgimento desse sentimento nacionalista foi importante, pois até então os enredos e cenários das narrativas que circulavam por aqui, em sua maioria, não nos diziam respeito. Pesquisas envolvendo a circulação de livros e a leitura no período colonial, desenvolvidas pelas professoras Márcia Abreu (2007) e Marisa Lajolo (2004), comprovam a forte presença de romances estrangeiros no país, principalmente os

* Mestranda em Letras: Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Pós-graduada em Psicopedagogia pelo CES/JF. E-mail: radias@powerline.com.br

franceses e ingleses. Estudos desenvolvidos por Marlyse Meyer (1996) e Ana Lúcia Reis (2005) apontam que, na época da publicação do primeiro romance macediano, os folhetins franceses a cada dia conquistavam mais leitores.

Essas e outras pesquisas recentes apontam para o fato de que o lançamento de *A moreninha* representou uma pequena revolução literária, pois inaugurou um novo estilo no país. Tratava-se de uma das primeiras tentativas de se formar uma literatura brasileira independente, observando usos e costumes locais, utilizando uma linguagem tipicamente nossa e envolvendo temas nacionais. De acordo com críticos como Massaud Moisés (2001), Heron de Alencar (2004), Alfredo Bosi (1994), Wilson Martins (1977) e Antonio Candido (1981), a obra dos autores considerados precursores do romance brasileiro apresentava uma qualidade precária e revelava uma ainda indecisa literatura brasileira, que oscilava entre o conto, a novela e a crônica. As narrativas desse período, embora apresentassem algumas tentativas de abrigar a ficção, eram apenas embriões a espera de crescimento, ora parecendo imitação ou tradução de folhetins franceses, ora ainda muito presas à literatura portuguesa. De uma forma mais organizada que seus predecessores e com um nível técnico bastante elevado para a época, a publicação de *A moreninha* deu início ao moderno romance brasileiro. A obra era um esforço preliminar para se criar uma tradição e uma linguagem nossas, que mais tarde poderiam ser aprimoradas e desenvolvidas por outros autores.

Os romances dessa fase inicial da prosa romântica brasileira eram parte integrante de um projeto ideológico, elaborado pela elite dirigente, que tinha por objetivo criar a ideia de nação. Buscava-se construir uma consciência nacional que levaria a população da ex-colônia cada vez mais a se sentir fazendo parte de uma mesma nacionalidade, que fosse diferente da portuguesa.

Muitos românticos brasileiros assumiram para si a responsabilidade da construção da nação. A educação era vista como uma espécie de missão e esses escritores utilizavam a literatura como instrumento pedagógico e moralizador. *A moreninha* pode ser vista como a primeira obra a refletir o processo civilizatório vigente, que tinha por objetivo superar o nosso atraso cultural, fruto dos anos de colonização. Através do discurso presente nesse romance percebe-se um esforço para modernizar, moralizar e instruir o leitor.

Os conceitos de historicidade da literatura e de horizonte de expectativas, de Hans Robert Jauss, serão utilizados neste artigo para tentar explicar por que a obra *A moreninha* foi recebida pela crítica de forma diferente ao longo dos séculos. Esse autor afirma que:

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual. (JAUSS, 1994, p. 25).

De acordo com Jauss (1994), existe um saber prévio que determina a recepção da obra pelo público leitor denominado “horizonte de expectativas”, que estaria acima da compreensão subjetiva e particular de cada leitor. A recepção da obra surge como um fato social e histórico ao situar as reações individuais de cada leitor dentro de um universo mais amplo no qual cada indivíduo está inserido. Esse universo sugestionaria o

indivíduo a fazer interpretações influenciadas por um saber coletivo. Dessa forma, a experiência social e histórica do grupo ao qual o indivíduo pertence seria dominante em relação a cada leitura individual. Uma mesma obra pode atender, romper ou ampliar as expectativas dos leitores de forma diferente, dependendo do momento histórico no qual for lida.

A seguir, veremos que as diferenças surgidas ao longo dos séculos na recepção crítica de *A moreninha* foram fruto de alterações ocorridas nas normas literárias de avaliação do texto e do surgimento de diferentes expectativas por parte dos críticos.

2. A RECEPÇÃO OITOCENTISTA

A prosa de Macedo dialogava com as expectativas oitocentistas a respeito do surgimento do romance brasileiro, fazendo com que a recepção contemporânea à publicação de *A moreninha* fosse bastante elogiosa e o romance se tornasse um verdadeiro *best-seller* oitocentista.

Grande parte dos romances estrangeiros que circulavam no Brasil na época em que foram produzidas nossas primeiras narrativas possuía um caráter edificante. Nossos escritores e críticos, lendo esses chamados romances modernos europeus, acabaram tomando-os como modelo e estabelecendo que o romance, para ser considerado bom, deveria moralizar e instruir. O romance de estreia de Macedo, embora de uma maneira bem humorada, parecia ter como missão básica moralizar e instruir estando, portanto, de acordo com o que era considerado, na época, um bom romance. Para Tania Serra (2010), Macedo acreditava ser necessário educar a população e preocupava-se não só com a educação formal da jovem brasileira, mas também com a moral, já que ela seria a futura mãe, responsável pela educação da família.

Uma das primeiras e mais importantes críticas para a literatura brasileira a respeito de romances foi a do jovem crítico Dutra e Mello que, no periódico *Minerva Brasiliense* de 01/10/1844, fez uma longa e entusiasmada análise de *A moreninha*. Ao analisar detalhadamente o enredo desse romance, destacou aspectos que justificavam o elogio a Macedo como, por exemplo, a simplicidade no modo de expressar os pensamentos. Essa simplicidade era recomendada nos manuais de retórica da época como forma de se obter um estilo agradável. O crítico elogiava o romancista por ter poupado, com um enredo simples, um labirinto de fatos aos leitores.

Dutra e Mello lançou as coordenadas do que seria, a partir de então, a opinião da crítica da época sobre o romance, situando a obra no quadro da história literária brasileira:

A Moreninha, producção que em verdade honra o seu author, é uma aurora que nos promete um bello dia, uma flôr que desabrocha radiosa donde vingaram pomos saborosos; uma esperança com todos os laivos de certeza. O desenho é simples e regular; [...] as explicações fazem-se pouco esperar. O disforme, o horroroso são alheios ao plano; a ausencia de grandes paixões, de rasgos sublimes parece derivar-se da linha estricta que o author se traçára, não dando ao seu romance uma côr philosophica. Toques sombrios, posições arriscadas não derramam n'elle o terror: reinam em toda a parte jovialidade, abandono, e harmonia. O estylo é fino, ironico e singelo. - Ordem, luz, graça e ligação o tornam de uma transparência crystallina, dão-lhe um polido, uma lisura nunca desmentidos. (DUTRA E MELLO, [18--]. p. 17).

Ao final do artigo, Dutra e Mello nos informa a respeito da boa receptividade do público em relação ao romance: “Taes são as reflexões que nos tem suggerido a leitura da interessante *Moreninha*, livro que nos ministrou suave passatempo, livro a que o publico tem feito justiça, de que ao author deve dar-se os parabens.” (DUTRA E MELLO, [18--]. p. 19).

O pesquisador Leandro Almeida (2005) estudou a recepção crítica oitocentista da prosa macediana. Segundo ele, de acordo com as exigências da época, o assunto do romance deveria ser dirigido para um fim útil. Sendo assim, mesmo no caso de *A moreninha*, que o crítico Dutra e Mello reconhecia ter um ou outro pequeno defeito, os aspectos negativos eram suplantados pelos méritos da história, que mostrava-nos o quadro edificante da virtude ao invés de deter-se no pavoroso aspecto do crime. Em consonância com as prescrições retóricas (que falavam da importância da persuasão pelo exemplo), o romance de Macedo contribuiria para a educação moral, pois, para o crítico, o belo e o bom teriam por si sós bastante força para atrair as almas bem formadas.

No século XIX, a retórica ainda ocupava posição privilegiada no sistema de ensino brasileiro e influíra não somente na formação intelectual dos escritores da geração romântica como também na dos leitores que podiam fazer comentários nos periódicos oitocentistas. A prosa macediana agradava porque correspondia a estilos previstos e até recomendados por manuais e cursos de retórica em voga na época.

Almeida (2005) cita um artigo publicado na *Revista Popular* de julho-setembro de 1862, em que um autor anônimo afirmava que o ponto de contato que perpassava toda a obra de Macedo era a nacionalidade do assunto, que faria parte do estilo do autor. Tal característica seria percebida no fato de que ninguém saberia melhor que ele distribuir as cores locais nem pintar uma cena de costumes.

As descrições locais e as cenas de costumes presentes em *A moreninha* serviram como resposta à busca dos críticos por uma literatura que traduzisse a independência literária da jovem nação brasileira e justificam o prestígio de Macedo até então. O elogio a esse romance de costumes estava longe de ser meramente ocasional, uma vez que foi motivado por uma correspondência entre as expectativas da elite letrada e o oferecido pelo romancista.

Pelo observado até aqui, conclui-se que os critérios de valorização do romance até então eram: o aspecto moral dos enredos, o atendimento aos elementos retóricos e a nacionalidade do assunto.

Como exemplo do que era valorizado pela crítica contemporânea à publicação da obra, podem ser citados dois trechos. O primeiro descreve a ilha onde o enredo se desenvolve, demonstrando a tão valorizada presença da paisagem brasileira no romance. A exuberante paisagem da ilha descrita, com certeza, poderia representar muito bem a nova nação:

Leopoldo deu-lhe o braço, e, enquanto por uma bela avenida, orlada de coqueiros, se dirigiam à elegante casa, que lhes ficava a trinta braças do mar, o curioso estudante recém-chegado examinava o lindo quadro que a seus olhos tinha e de que, para não ser prolixo, daremos idéia em duas palavras. A ilha de... é tão pitoresca como pequena. A casa da avó de Filipe ocupa exatamente o centro dela. A avenida por onde iam os estudantes a divide em duas metades, das quais a que fica à esquerda de quem desembarca está simetricamente coberta de belos arvoredos, estimáveis, ou pelos frutos de que se carregam, ou pelo aspecto curioso que oferecem. A que fica à mão direita

é mais notável ainda fechada do lado do mar por uma longa fila de rochedos e no interior da ilha por negras grades de ferro está adornada de mil flores, sempre brilhantes e viçosas, graças à eterna primavera desta nossa boa terra de Santa Cruz. De tudo isto se conclui que a avó de Filipe tem no lado direito de sua casa um pomar e do esquerdo um jardim. (MACEDO, 1998, p. 33-34).

O segundo exemplo refere-se ao aspecto moralizante do romance e mostra uma interferência do narrador que, ao julgar e criticar as atitudes das personagens, vai transmitindo valores morais:

Fabrcio acaba de cometer um grave erro e que para ele será de más conseqüências. Quem pede e quer ser servido, deve medir bem o tempo, o lugar e as circunstâncias, e Fabrcio não soube conhecer que o tempo, o lugar e as circunstâncias lhe eram completamente desfavoráveis. Vai exigir que Augusto o ajude a forjar cruel cilada contra uma jovem de dezessete anos, cujo único delito é ter sabido amar o ingrato com exagerado extremo. Ora, para conseguir semelhante torpeza, preciso seria que Fabrcio aproveitasse um momento de loucura, um desses instantes de capricho e de delírio em que Augusto pensasse que ferir a fibra mais sensível e vibrante do coração da mulher, a fibra do amor, não é um crime, não é pelo menos louca e repreensível levandade; é apenas perdoável e interessante divertimento de rapazes; e nessa hora não podia Augusto raciocinar tão indignamente. (MACEDO, 1998, p. 43).

No final do século XIX, época do movimento republicano brasileiro, a trajetória da crítica em relação à obra macediana começou a sofrer mudanças. Macedo era um autor historicamente ligado ao passado imperial brasileiro e representava a antiga escola romântica. De acordo com a pesquisa de Rafael Bosisio (2007), os anos de 1870 foram difíceis para o autor, que passou a ser muito criticado por uma nova elite que possuía ligações com as ideias republicanas e com as novas escolas literárias (Realismo e Naturalismo). Em 1882, ano da morte de Macedo, ele já começara a perder prestígio perante a crítica literária uma vez que haviam surgido novas expectativas e novos critérios de avaliação das obras.

Almeida (2005), em sua pesquisa, faz um estudo dos necrológios e eles mostram essa queda de prestígio de Macedo. Ainda que reconhecesse a existência de apreciadores entusiastas de *A moreninha* em 1882, um autor anônimo, em nota veiculada na *Gazeta de Noticias* de 12/04/1882, afirmava que esses se encontravam apenas no interior do país. Na nota, o autor atribuía a Macedo a afirmação do romance no Brasil e tentava explicar seu sucesso anterior fazendo menção à presença, em seus romances, de cenas e personagens que, até então, só apareciam ao longe, em terras estrangeiras e desconhecidas.

Araripe Júnior, em nota publicada na *Gazeta da Tarde* de 15/04/1882, afirmava que a glória alcançada por Macedo quando do lançamento de *A moreninha* servira para despertar em José de Alencar a veia de romancista. O crítico destacava que Macedo cumprira satisfatoriamente a tarefa de legar à pátria uma obra que fizesse frente ao empreendimento dos grandes autores europeus. Na sua opinião, não bastava apenas imitar Walter Scott, Alexandre Dumas ou Victor Hugo; era preciso “uma imensa perspicacia na organização dos cenários, na escolha dos personagens típicos, na propriedade dos diálogos e na apresentação dos caracteres”, que somente poderiam ser

alcançados por “uma vocação poderosa” que, segundo o crítico, Macedo possuiu. (ARARIPE JÚNIOR, 1882 *apud* ALMEIDA, 2005, p. 06). Para Araripe, os romances macedianos, com todos os seus vícios e imperfeições, eram nossos; não se confundiam com produtos de outra procedência. Entretanto, o crítico não deixava de observar que o autor, que conseguira cativar gerações passadas que o viam como exemplo de composição literária, não mais conseguia atingir o gosto das novas gerações.

Em *O Binóculo* de 19/04/1882, outro autor anônimo, ao tentar defender Macedo, acaba também mostrando que os critérios avaliativos haviam mudado:

Si em Macedo não vemos, por exemplo, uma seria preocupação dos processos artisticos, e a seus trabalhos em geral faltam essas exterioridades formulísticas de hoje... contudo uma longa serie de romances de costumes e de obras de diferentes gêneros denunciam n’ele essa vasta multiplicidade de manifestações e essa fecundidade numérica, com que já um critico porttuguez caracterizou perfeitamente o genio de Walter Scott. (*apud* ALMEIDA, 2008, p. 51).

Um colega de Macedo no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, proferiu um discurso por ocasião da morte do autor no qual apontava *A moreninha* e *O moço loiro* como obras que garantiram a Macedo o lugar de primeiro romancista do país e que abriram caminhos para que outras obras suas ocupassem na “literatura pátria o competente lugar de honra, e nem fica[ssem] somenos às bonitas produções românticas, que nos deu depois José de Alencar” (SILVA, 1882 *apud* ALMEIDA, 2008, p. 53). Joaquim Norberto justificava a queda de prestígio de Macedo explicando que nos últimos anos o autor não tivera mais “tempo para limar as suas produções” devido ao fato de ter escrito muitos romances em um curto espaço de tempo (de 1868 a 1872 produziu dez romances). Nessa época, Macedo afirmava possuir uma dívida de honra e precisar produzir para tentar saldá-la.

A esse respeito, Almeida (2008, p. 54) observa que, se pelo critério avaliativo do final do século XIX, o reconhecimento crítico dava-se em razão inversa à produção numérica e à intenção de se obter lucro “Macedo assinou contratos que lhe renderam algum dinheiro, mas o destituíram da fama e do reconhecimento dos letrados.”

Ainda em 1882, Joaquim Nabuco, em um discurso no IHGB, classificou a obra de Macedo como banal. O escritor e jornalista Salvador de Mendonça rebateu essa crítica afirmando que “Não há negar, e ninguém hoje o nega, - que ele cometeu a banalidade de criar o romance brasileiro.” (MENDONÇA, 1882 *apud* MARTINS, 1977, p. 308).

As críticas desfavoráveis ao criador do romance brasileiro, iniciadas no final do século XIX, iriam permanecer durante boa parte do século XX até que, no final desse século e início do XXI, surgisse uma nova visão a respeito da obra macediana.

3. OS CRÍTICOS DO SÉCULO XX

No discurso da crítica literária brasileira do século XX, o romance oitocentista é visto como uma literatura para mulheres e de entretenimento. O outrora famoso Macedo entrou para a história literária como sendo um escritor menor, autor de romances para

mocinhas. Seu romance mais conhecido, *A moreninha*, em função da queda de prestígio do autor, passou a ser visto como uma obra de mero valor documental. Apenas no final do século essa visão começa a mudar.

História da literatura brasileira, de José Veríssimo, cuja 1ª edição foi lançada em 1916, é considerada uma das primeiras e mais importantes obras a sistematizar os estudos literários no Brasil. Veríssimo (1998) comentou que Macedo era um escritor alegre e satisfeito, diferente dos outros dessa mesma fase e das posteriores. A sua arte era para ele um divertimento e pretendia usá-la para divertir os seus contemporâneos, moralizando-os risonha e despreocupadamente, sem nenhum outro propósito mais alto.

O que o crítico, no início do século XX, destacava como sendo um defeito, na época da publicação de *A moreninha* era considerado qualidade, uma vez que o propósito do romance dessa fase era justamente moralizar. O programa nacionalista brasileiro tinha por objetivo instruir e edificar pelo divertimento, e Macedo apenas atendeu ao que era esperado na época.

Para Veríssimo, os romances de Macedo seguiam todos um mesmo molde:

São ingênuas histórias de amor, ou antes de namoro, com a reprodução igualmente ingênua de uma sociedade qual era a do seu tempo, chã e matuta. Cuidando aumentar-lhes o interesse, e acaso também fazê-los mais literários, carrega o autor no romanesco, exagera a sentimentalidade até à pieguice, filosofa banalidades a fartar e moraliza impertinentemente. São romances morais, de família; leitura para senhoras e senhoritas [...] Nem a prejudica o abuso de namoro, ou alguns casos de amor romanesco, pois tudo não aponta senão ao casamento e acaba invariavelmente nele, para completa satisfação dos bons costumes. Pouco variam as situações e tipos [...] a moça apaixonada, amorosa ou namoradeira, a intrigante ou invejosa que contra esta conspira, o galã, ora fatal e irresistível, ora apenas simpático e galanteador, a velha namoradeira e ridícula, o velho azevieiro e grotesco, o estudante engraçado, divertido e trêfego, o traidor que maquina contra o galã e a sua amada, o ancião (o ancião de Macedo é um homem de 50 anos, como as suas jovens amorosas não têm nunca mais de dezesseis) experiente. (VERÍSSIMO, 1998, p. 251).

Na fala de Veríssimo fica clara a mudança de critérios avaliativos pela qual passou a obra de Macedo desde a época em que foi escrita *A moreninha* para uma posterior, em que começou a perder prestígio. A afirmativa de Veríssimo (1998, p. 251) de que “os romances de Macedo são todos talhados por um só molde” é questionada por pesquisadores atuais, dentre eles Juliana Queiroz (2011), que discordam de que *A moreninha* seria esse molde e provam a diversidade existente na obra do autor.

No trecho a seguir, além da mudança de critérios avaliativos, pode ser observado também como Macedo era estimado por outros autores que o tinham como mestre:

O desleixo com que geralmente escreveu, senão também pensou as suas obras, prejudicou-as consideravelmente em o nosso atual conceito. Mas os seus defeitos de concepção e de forma, a que somos hoje nimamente sensível, não afrontavam os seus contemporâneos, dos quais foi um favorito. Ainda hoje é dos nossos romancistas mais lidos, se bem que às escondidas [...] É o que tem sido mais repetidamente editado. E Taunay, que estreava já na terceira geração, dedicando-lhe o seu romance **A mocidade de Trajano**,

como a um mestre, apenas exprimiu o sentimento de comum apreço pelo operoso e divertido escritor. (VERÍSSIMO, 1998, p. 299).

O julgamento de Veríssimo marca o que seria, a partir de então, a opinião da crítica do século XX a respeito do romance macediano. A maioria dos autores das Histórias Literárias do século passado não apresenta análises mais detalhadas do romance *A moreninha*. Fala-se genericamente da obra macediana como um todo repetindo-se um mesmo discurso, revelando o preconceito vigente entre os críticos da época em relação à obra do autor.

No terceiro volume da obra *A literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho (1ª edição em 1955), o autor encarregado de falar a respeito de Macedo foi Heron de Alencar. Sobre *A moreninha*, Alencar afirma que:

Esse era um romance novo em nossa história literária, de qualidade técnica bastante evoluída para a época. Foi a primeira das grandes obras de nossa novelística romântica, em que se representavam as tendências do gênero, algumas - é certo - ainda em estado embrionário: nem mesmo lhe faltaria a feição indianista, presente na história intercalada de Aí e Aiotin, contada por uma das personagens, o que representa a primeira manifestação do indianismo em nosso romance. (2004, p. 242).

Heron de Alencar (2004) destaca o fato de Macedo, na época da publicação de *A moreninha*, revelar que possuía outros três romances escritos por ele. O crítico afirma que esse fato é importante, pois confirma o interesse de Macedo pelo romance em uma época em que ele ainda não era produzido no país. Segundo o crítico, um exame das características do romance macediano explica seu êxito inicial. Citando um texto do crítico Antonio Candido de 1952, Alencar afirma que o romancista se preocupou mais com a receptividade do romance do que com sua mensagem e, por satisfazer às necessidades e gosto do público, teve rápida aceitação. Modificados o gosto e a necessidade dos leitores, seu romance perdeu prestígio até não ser mais aceito, recebendo a indiferença do público.

Pesquisas recentes, como a de Queiroz (2011), contestam essa afirmativa e provam que os primeiros romances macedianos continuaram agradando ao público ainda na segunda metade do século XIX. No século atual, o elevado número de pesquisas acadêmicas em importantes instituições do país (UNICAMP, USP, UFRJ, dentre outras) envolvendo obras macedianas prova que o autor não foi esquecido e que sua obra é digna de estudo.

Para Antonio Candido, na obra *Formação da literatura brasileira*, de 1959, o valor da obra macediana é apenas documental, já que esse autor procurou retratar fielmente os da sua cidade. Essa obra contribuiria para se compreender a época e esse talvez seja o único atrativo para os leitores do século XX.

Segundo Candido, Macedo procurou ajustar sua obra às exigências do leitor, oferecendo a ele o que esperava. O crítico afirma que o romancista se esforçou para:

[...] transpor a um gênero novo entre nós os tipos, as cenas, a vida de uma sociedade em fase de estabilização, lançando mão de estilo, construção, recursos narrativos os mais próximos possíveis da maneira de ser e falar das pessoas que o iriam ler. (CANDIDO, 1981, p. 137).

Dessa forma, proporcionou ao leitor histórias cujo cenário e personagens lhe eram familiares, peripécias e sentimentos poéticos de acordo com as necessidades médias de sonho e aventura. Na visão de Candido, essas características garantiram a Macedo a sua popularidade e uma modesta imortalidade. Para o crítico, o autor criou um mito sentimental:

Enquanto fornecia elementos gratos à sensibilidade do público, ia extraindo deles as conseqüências que não ocorrem no cotidiano e, desta forma, influenciando no gosto, dando estilo às aspirações literárias do burguês carioca, ou como se dizia então, fluminense. E assim como Alencar inventou um mito heróico, Macedo deu origem a um mito sentimental, a *Moreninha*, padroeira de namoros que ainda faz sonhar as adolescentes. (CANDIDO, 1981, p. 137).

Candido (1981, p.142) afirma que o pequeno-realismo existente nos romances de Macedo se exprime com maior pureza na veia cômica, presente em toda a obra. São comuns a piada e a alusão engraçada feita para o riso franco das rodas masculinas, exprimindo a vulgaridade do meio que retratava. Só uma “sociedade bastante chucra” como a da época, poderia aceitar a vulgaridade e a grosseria e até aplaudi-las, pois atendiam às suas expectativas. Como exemplo, Candido cita uma cena entre Augusto e Dona Violante em *A moreninha*, segundo ele, “preparada com delícias pelo autor”.

Em sua análise a respeito da obra macediana, Candido (1981) cita trechos de alguns romances, mas a única referência concreta que faz a uma cena de *A moreninha* é a citada acima. Trata-se de um episódio ocorrido em uma reunião social em que o estudante de Medicina Augusto, após tentar ser gentil por longo tempo com uma senhora que o estava importunando com suas doenças, na tentativa de se livrar dela e ir ao encontro das jovens, apresenta o seguinte diagnóstico:

- Pois, minha senhora, atendendo a tudo quanto ouvi e principalmente a estes últimos incômodos, que tão a miúdo sofre, e de que mais se queixa, como *tonteiras, dores no ventre, calafrios, certas dificuldades, esse peso dos lombos, etc.*, concluo e todo o mundo médico concluirá comigo, que V. S. padece de...

- Diga... não tenha medo.

- Hemorróidas.

D. Violante fez-se vermelha como um pimentão, horrível como a mais horrível das fúrias, encarou o estudante com despeito, e, fixando nele seus tristíssimos olhos furta-cores, perguntou:

- O que foi que disse, senhor?...

- Hemorróidas, minha senhora.

Ela soltou uma risada sarcástica.

- V. S. quer que lhe prescreva o tratamento conveniente?

- Menino, respondeu com mau humor, tome o meu conselho: outro ofício; o senhor não nasceu para médico. (MACEDO, 1998, p. 39-40).

Para Candido (1981, p. 137), Macedo possui uma obra volumosa e cedeu “a um impulso irresistível de tagarelice”, pois seus romances lembram a uma narrativa oral de alguém muito conversador. Essa peculiaridade da prosa macediana criticada por Candido é explicada por seu próprio texto “O escritor e o público” (2004), em que o

crítico destaca a tradição oral do público oitocentista. Tal oralidade teria levado os autores a empregarem em suas obras características específicas como a prosa falada e a linguagem mais simples. Dessa forma, propiciavam a compreensão do romance por parte desse público, facilitando a sua leitura nos serões domésticos tão comuns na época da publicação de *A moreninha*.

O crítico Alfredo Bosi, na obra *História concisa da literatura brasileira* (1ª edição em 1970), afirma que Macedo atravessou todo o Romantismo sem haver progresso na sua técnica literária. Descobriu em seu primeiro romance alguns esquemas de efeito novelesco, sentimental ou cômico e aplicou-os assiduamente, até suas últimas produções do gênero:

Compõem o quadro desses expedientes: o namoro difícil ou impossível, o mistério sobre a identidade de uma figura importante na intriga, o reconhecimento final, o conflito entre o dever e a paixão (molas romanescas e sentimentais); os cacoetes de uma personagem secundária, as galhofas de estudantes vadios, as situações bufas (molas de comicidade). Tudo isso vazado numa linguagem que está a meio caminho do coloquial, nos diálogos, e de um literário correto de professor de português e homem do Paço, nas narrações e digressões. (BOSI, 1994, p. 130).

Para Bosi (1994), em todos os romances macedianos, o gosto do puro romanesco é importado (Scott, Dumas, Sue), mas são nossos os ambientes, os costumes e os tipos. Macedo respirava as convenções sociais da sua época e a falta de distanciamento o levava a aceitar e utilizar, como molas e fins em suas histórias, os preceitos vigentes em torno do casamento, do dinheiro e da vida política.

O que podemos observar é que a crítica de Bosi é muito semelhante aos comentários de Veríssimo. O pesquisador Almeida (2008) questiona a afirmativa de Bosi de que a “receita” encontrada em *A moreninha* tenha sido aplicada em outros romances e aponta como um dos exemplos da diversidade de enredos *As mulheres de mantilha*, romance histórico que retrata os tempos coloniais.

Já um crítico que valoriza Macedo, mesmo fazendo críticas em alguns momentos, é Wilson Martins. Em sua *História da inteligência brasileira*, de 1977, dedica o capítulo “O ano da Moreninha” ao romance de estreia de Macedo. Para Martins, o ano de 1844 é, na vida de Macedo e na história da literatura brasileira, o ano da *Moreninha*.

Segundo Martins (1977, p. 300), “o romance macediano é brasileiro antes de ser romance, ou, se quisermos, reflete mais condições e peculiaridades nacionais do que consciência e preocupações literárias.” Levando-se em conta o desenvolvimento intelectual do país na época do lançamento da obra, o tipo de arte do romance empregada por Macedo era a única possível. “Devemos lê-lo no contexto das expectativas de leitura do seu tempo e não pelas do nosso; e isso é verdadeiro e o deixa em boa postura mesmo quando comparado com o romance estrangeiro da mesma época.”

Martins (1977, p. 308) considera Macedo o verdadeiro criador do romance brasileiro, tendo-o criado “como a forma de transição entre o folhetim, de que representa a última folha, e o romance literário, que será inaugurado por José de Alencar; [...] essa era a única forma de criá-lo, particularmente no que se refere ao estilo”. O crítico afirma que *A moreninha* é um marco na história da literatura brasileira enquanto romance de

costumes, fixação de tipos e concepção do que poderia ser uma cena romanesca. É a obra-prima do romance brasileiro na quarta década do século XIX, pois:

[...] é a resposta mais feliz ao que o Brasil obscuramente esperava como tradução de sua essência nacional em termos de literatura. A curiosidade do público brasileiro por si mesmo era então claramente maior do que a sua curiosidade pela invenção literária - e, justamente, a imensa popularidade da **Moreninha** resultou antes de mais nada da singela fidelidade com que reproduzia, no plano da imaginação, a sociedade que todos conheciam no plano da realidade. (MARTINS, 1977, p. 301).

Martins observa que Macedo é um “escritor devorado por sua obra-prima” ou pelo que julgaram ser sua obra-prima. Destaca o valor de obras como *Rosa* e afirma que o restante da obra macediana foi injustamente negligenciado por alguns que, tendo lido *A moreninha*, acharam-se dispensados de ler o restante da obra. Essa afirmativa de Martins será reforçada por pesquisadores atuais como Almeida (2008).

O crítico explica o sucesso editorial enorme e súbito do romance de estreia de Macedo pelo benefício que tirou de circunstâncias exteriores e fortuitas como a oportunidade, a surpresa, o frescor da narrativa simples surgindo no mundo tenebroso das narrativas folhetinescas e a relativa inocência literária do público. Para Martins, essas características não mais se repetiram simultaneamente.

Massaud Moisés, em sua *História da literatura brasileira*, 1ª edição em 1985, é outro crítico que, apesar de em alguns momentos também se deixar levar pela visão estereotipada do século XX em relação à obra macediana, demonstra uma leitura mais atenta de suas obras. A respeito do autor de *A moreninha*, Moisés afirma que:

Macedo está para a ficção romântica assim como Gonçalves Dias está para a poesia: introduziu o romance brasileiro, nacionalizando a prosa de ficção nos temas e na técnica; iniciou o abasileiramento de nossa tradição ficcional, emprestando-lhe uma fisionomia que faria carreira ao longo do século XIX, e na qual se refletem nitidamente o *ethos* e o *pathos* nacionais. (MOISÉS, 2001, p. 381).

O crítico vê em Macedo um precursor que teria inaugurado um modo próprio de escrita, diferente dos modelos portugueses. Analisa romances da segunda fase da carreira de Macedo como *A carteira de meu tio* e *Memórias do sobrinho de meu tio* e os considera um misto de literatura de viagens, de romance e crônica. Para o crítico, nesses romances o humor do autor revestia um espírito crítico não manifesto plenamente, mas que revelava um caráter desabusado que atacava frontalmente os valores respeitados nos romances. Moisés (2001, p. 385) indica que nessas obras tudo é “antagônico aos padrões burgueses que *A moreninha* e irmãs se incumbiram de exaltar.”. O crítico discorda, portanto, da ideia da fórmula repetitiva nos romances de Macedo defendida por outros críticos.

Moisés (2001) destaca o momento histórico da elaboração dos primeiros romances macedianos e afirma que eles refletem a adesão da sociedade oitocentista à nova moda romântica e cita as referências ao comportamento romântico presentes em *A moreninha*. Afirma que o romancista reproduzia a conjuntura vigente e, como o romance havia surgido com a burguesia, acabava exprimindo as suas características de

classe dominante. Entretanto, Macedo temperava o extremismo dos valores burgueses com o ridículo, o humor e o realismo, através de um olhar crítico que, segundo Moisés (2001, p. 388), o autor continha “para sobreviver e/ou porque também se estribasse nos mesmos valores”. Comentando *A moreninha*, o crítico destaca a força de Macedo como ficcionista na:

[...] ponderada manipulação dos expedientes romanescos, num ritmo alternante que não deixa vaza à monotonia. As notas realistas, espontaneamente colhidas, qual um cronista ávido de surpreender o dia-a-dia, ressaltam: desde os pormenores de vestuário até os saraus ou récitas teatrais, o seu dom de observador arguto se faz presente, a ponto de insinuar serem as cenas emotivas tão verídicas quanto os flagrantes vizinhos do grotesco ou do mau gosto, como surpreender o “romântico Augusto em ceroulas, com as fraudas à mostra”, ou deter-se na figura de D. Violante, “horripelmente horrenda, e com sessenta anos de idade apresentava um coração capaz de desmamar a mais emperreada criança” [...] ou ao frisar que o herói, em razão dum “interessante escritinho”, se esquecera de assoar o nariz “e que o pingo estava cai não cai na ponta do nariz”. (MOISÉS, 2001, p. 384).

O crítico afirma tratar-se de um realismo ingênuo, de salão, mas digno de nota “como acerto romanesco, ao mesclar os opostos num equilíbrio de mestre”. Algumas cenas podem parecer ridículas pelos padrões de hoje, mas é notória a habilidade com que o autor joga com os diversos ingredientes, principalmente com o humor vinculado ao realismo: humor de situação, de quiproquós sempre bem comportados e inofensivos, burgueses, mas elaborado engenhosamente como “contrapeso ao adocicamento das narrativas”. (MOISÉS, 2001, p. 384).

Moisés destaca uma característica do romance macediano que revela modernidade em sua narrativa: a técnica da retrospectiva ou *flashback*.

Via de regra, as narrativas macedianas apanham a ação *in medias res* e regridem para os acontecimentos anteriores por meio da retrospectiva, praticada pelo narrador ou pelos protagonistas. O expediente, conquanto utilizado primariamente, exibe certo halo de modernidade, na medida em que a linearidade do relato é quebrada pela inserção de outro plano temporal que, introduzindo novo foco de curiosidade, adia a prossecução da cena interrompida e mantém vivo o interesse do leitor e sugere relativa complexidade narrativa. E quando, na linha desse processo, o leitor descobre que o romance acabado de ler – *A moreninha* – é precisamente aquele que o protagonista perdedor da aposta inicial escreveria, – de pronto associa o expediente narrativo a romances modernos que empregam técnica análoga, conquanto mais requintada. (MOISÉS, 2001, p. 387).

A análise de Moisés difere de outras citadas anteriormente, pois, como observa Almeida (2008), parece que o crítico procurava não sobrepor os critérios modernos de análise a obras que não podiam a eles corresponder.

No final do século XX, surge a tese “Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado”, de Tania Serra, publicada em livro em 1994, que se torna uma das críticas mais atuais sobre o romancista e renova a visão tradicional sobre o autor. Serra mostra um escritor avançado para o seu tempo, observador da vida social e política, revolucionário no que concerne à posição da mulher na sociedade e

crítico dos costumes vigentes. Esse estudo se tornou importante fonte de informações para os pesquisadores atuais.

Segundo Serra (2004), em sua primeira fase, Macedo foi um mensageiro da nova ordem burguesa e, ao mesmo tempo em que registrava seus costumes, dava o exemplo a ser seguido pela classe urbana fluminense, que se via espelhada em suas obras de forma alegre, despreziosa e independente como o jovem país.

A pesquisadora destaca que Macedo tinha um objetivo claro em suas obras que seria formar uma nova mentalidade ética para a burguesia ascendente, que aparentava ser desprovida de sólidos valores morais.

Serra, ao fazer uma revisão da crítica existente a respeito da obra macediana, percebe um posicionamento repetitivo em relação ao autor que, segundo ela, inicia-se com Silvio Romero: “Romero, sem lê-lo, tornou-o ‘banal’.” (2004, p. 50). Essa repetição percebida por Serra foi confirmada pelos pesquisadores atuais, como veremos a seguir.

4. OS PESQUISADORES DO SÉCULO XXI

As pesquisas desenvolvidas no século atual são marcadas por uma nova visão a respeito da obra macediana que teve início no final do século passado.

Em sua dissertação de Mestrado, Sharyse Amaral (2001, p. 03) afirma que Macedo pretendia não somente representar a sociedade em que vivia, mas também modificá-la e que “para entendermos as propostas reformadoras de Macedo deveremos levar em conta não só a meta do seu discurso, mas também com quem ele dialogava, ou ainda que outras propostas existiam que não as dele.”

Amaral aborda o comentário feito por Joaquim Nabuco, em 1882, de que a obra de Macedo era banal:

Longe de poder ser considerada banal, a obra de Macedo deixa transparecer uma forte preocupação com a formação do caráter do cidadão brasileiro, bem como com a constituição de nacionalidade. [...] é em decorrência disso que emergem da sua obra tanto aspectos moralizantes e nacionalistas quanto temas como a educação feminina e a escravidão. (AMARAL, 2001, p. 03).

Com relação à obra *A moreninha*, Amaral comenta que esse romance muito contribuiu para que o público assimilasse a existência de uma literatura nacional, tendo importância decisiva para a época ao cair no gosto do público e criar personagens e situações com as quais ele se identificava e reconhecia a sociedade da qual fazia parte. Esse romance provocou um fato inédito no país, pois foi a primeira vez que houve a necessidade de reeditar uma obra literária, com a segunda edição saindo apenas um ano após a primeira publicação.

Com *A Moreninha*, estava fundado o romance tipicamente nacional, pelas descrições, pelo estilo, pela linguagem – mais próxima à palavra falada do que à escrita, pelos personagens e, sobretudo, [...] pela “jovialidade”. Palavra esta bastante usada por aquela geração para se referir ao Brasil, sempre apresentado como um país jovem frente à “velha Europa”, governado por um imperador jovem e amante das artes, e possuidor de uma juventude de

literatos que buscavam difundir a nacionalidade, de modo a preparar o progresso do país. (AMARAL, 2001, p. 24-25).

Amaral (2001) observa que, naquela época, a linguagem falada já possuía características nacionais devido às “corrupções” feitas à língua portuguesa pelo africano e pelo índio, enquanto a palavra escrita seguia o padrão lusitano. Esse fato destaca a importância da obra de Macedo como possuidora de formas de linguagem tipicamente brasileiras.

Outra pesquisadora que estudou a obra macediana é Bianca Karam. Ela afirma que Macedo ainda hoje é reconhecido por um público de faixa etária diversificada devido ao seu romance *A moreninha*. Segundo ela:

A travessa Carolina faz parte do nosso imaginário, tendo construído uma espécie de auto-retrato da jovialidade da nação. O grande número de adaptações para o cinema e mesmo para a televisão demonstra que o êxito do romance atravessou diversas gerações. Ainda que mais de cem anos tenham passado desde que a primeira publicação de Macedo entrou em circulação, ainda que o cotidiano carioca, retratado no romance, tenha mudado muito, o perfil dos jovens daquela época e o de hoje apresentam muitos pontos de interseção. As inquietações, os amores, as brincadeiras, o convívio social, as festas, as respostas sempre na ponta da língua, esses são alguns elementos de que o autor se utiliza para descrever parte da vida da juventude do século XIX e que fazem parte do espírito jovem de qualquer época, de qualquer lugar. (KARAM, 2006, p. 11).

Esses aspectos levantados por Karam sugerem que a obra ainda é atual e permite que os leitores de hoje consigam se identificar, em certos aspectos, com as personagens do romance, fazendo com que seu valor não seja apenas documental, como afirmaram alguns críticos do século passado.

Karam (2006, p. 11) chama a atenção para o aspecto de travessura de *A moreninha* e destaca a postura de desafio presente nos “diálogos-duelos” entre as personagens, principalmente entre Augusto e seus amigos e entre ele e a Moreninha. “Diálogos ágeis, joviais que agradam rapidamente ao público.” Como exemplo desses diálogos citados por Karam, vejamos o trecho a seguir:

- Mas vocês não têm reparado que Fabrício tornou-se amuado e pensativo, desde que se falou nas primas de Filipe?...
- Disseram-me que ele anda enrabichado com minha prima Joaquina.
- A pálida?... pois eu já me vou dispondo a fazer meu pé-de-alferes com a loura.
- E tu, Augusto, quererás porventura requestrar minha irmã?...
- É possível.
- E de que gostarás mais, da pálida, da loura ou da moreninha?...
- Creio que gostarei, principalmente, de todas.
- Ei-lo aí com a sua mania.
- Augusto é incorrigível.
- Não, é romântico.
- Nem uma coisa nem outra... é um grandíssimo velhaco.
- Não diz o que sente.
- Não sente o que diz.
- Faz mais do que isso, pois diz o que não sente.

- O que quiserem... Serei incorrigível, romântico ou velhaco, não digo o que sinto, não sinto o que digo, ou mesmo digo o que não sinto; sou, enfim, mau e perigoso e vocês inocentes e anjinhos. (MACEDO, 1998, p. 16).

A pesquisadora discorda dos críticos que insistem em afirmar que os dois primeiros romances de Macedo (*A moreninha* e *O moço loiro*) são seguidores de uma mesma fórmula. Ao estudar os dois romances, Karam percebeu que *A moreninha* possui um tom “galhofeiro” e é marcado pela presença bem mais sutil do narrador, que pouco “se intromete” no desenrolar do enredo, enquanto o narrador de *O moço loiro* é muito mais moralista e não dá espaço para o leitor, guiando-o o tempo todo.

As pesquisas atuais deixam claro que alguns críticos do século XX repetiram frequentemente os mesmos argumentos de uma forma generalizante e uniforme, julgando a obra de Macedo com base em seus critérios contemporâneos de análise, não levando em conta as expectativas do momento histórico no qual a obra foi escrita. Almeida (2008, p. 89), ao comentar a crítica de Bosi, afirma “Não notamos no trecho destinado a Macedo a contextualização da sociedade que daria lugar às características artísticas do escritor”.

Pesquisadores atuais afirmam também que alguns críticos chegaram a comentar sem sequer conhecer a obra macediana completa, apenas repetindo comentários feitos anteriormente.

Bosi parece ter visto no “molde” de Veríssimo uma maneira adequada de classificar os romances de Macedo, pois o repete, ainda que com palavras diferentes, quando aponta a fórmula que, extraída de *A moreninha*, moldou todos os outros romances de Macedo. Perguntamo-nos pelo embasamento de uma afirmação como essa, e somos obrigados a pensar que a obra de Macedo foi mais comentada que lida, e as opiniões sobre ela advieram mais dos comentários anteriormente produzidos que do contato com as páginas dos romances. (ALMEIDA, 2008, p. 89).

Almeida concluiu que, ao acompanharmos a trajetória da crítica, percebe-se que Macedo encontrou recepção favorável na medida em que suas obras, apesar de fazerem sucesso junto ao público, também correspondiam aos anseios dos leitores letrados da época. Já com relação às análises surgidas nas Histórias Literárias do século XX, salvo uma ou duas exceções, o que há é uma espécie de “fórmula que se repete, uma abordagem que parece advir da leitura e reprodução de análises empreendidas em Histórias Literárias anteriores.” (ALMEIDA, 2008, p. 63). O que se observa é que a maioria das obras macedianas é apenas citada. Quando há algum comentário específico, geralmente está relacionado apenas a dois romances: *A moreninha* e *O moço loiro*. “A explicação para isso parece ser a maior facilidade para ‘encaixá-los’ nos esquemas de análise já de antemão elaborados, os quais independem da leitura da obra propriamente.” (ALMEIDA, 2008, p. 98).

Outra pesquisa que também apresenta uma nova visão a respeito da obra macediana é a tese de Doutorado de Juliana Queiroz (2011). Nessa pesquisa, Macedo surge como autor de uma obra bastante diversificada que dialogava com os diversos papéis sociais que ele desempenhou na sua época. Segundo a pesquisadora, esse autor trabalhou com diversos gêneros literários e abordou inúmeros temas em suas obras.

A pesquisadora analisou detalhadamente três obras de Macedo escritas na segunda metade do século XIX: *A carteira de meu tio*, *Memórias do sobrinho de meu tio* e *A luneta mágica* e chegou à conclusão de que tais obras não apresentam qualquer relação com *A moreninha*, pois fogem da temática amorosa não se aproximando em nada do enredo do romance de estreia de Macedo. Para ela, tais obras refletiam experiências acumuladas nas outras atividades exercidas por Macedo, mostrando mais seu lado de crítico da política e do comportamento social dos moradores do Rio de Janeiro.

Entretanto, se observarmos mais atentamente, perceberemos que esse lado crítico apontado por Queiroz apenas aparece com maior força nessas obras, mas já dava seus primeiros sinais em *A moreninha*. Apesar de se tratar de uma obra romântica, em várias ocasiões Macedo faz comentários irônicos se referindo aos políticos da época e várias críticas ao comportamento social oitocentista e ao próprio Romantismo, já apontando para o fato de que o autor não seria apenas um mero autor de histórias sentimentais sem maiores preocupações do que retratar o meio em que vivia.

Queiroz (2011) levanta algumas hipóteses para tentar explicar o fato de Macedo, após o enorme sucesso de crítica obtido em meados do século XIX, ter entrado para a história literária como um autor menor. A sua pesquisa, que se utilizou de fontes primárias como jornais (*Jornal do Comércio*) e catálogos de livrarias do século XIX (Laemmert e Garnier), provou a ampla circulação das obras de Macedo na segunda metade do século XIX e que, ao contrário do que a fortuna crítica sobre o autor apontava, o prestígio de Macedo com o público e com os editores não entrou em declínio.

Uma das hipóteses defendidas por Queiroz está relacionada às relações políticas de Macedo como deputado e a sua excelente relação com o imperador D. Pedro II. A queda do Império pode ter feito com que Macedo fosse praticamente ignorado pela crítica a partir de então, uma vez que representava a antiga forma de governo.

Assim como não é novidade que Macedo foi monarquista e próximo ao imperador Pedro II, é sabido que Alencar teve sérias desavenças com o monarca. Além disso, Alencar não fazia parte do IHGB e não era, portanto, favorecido pelo mecenato de D. Pedro II, ao passo que Macedo sempre esteve ligado aos espaços de sociabilidade ligados à monarquia e às instituições do II Reinado. Estas diferenças, marcadas, portanto, pelos papéis sociais de Macedo e Alencar no século XIX, poderiam explicar a diferença no julgamento do valor literário que suas trajetórias sofreram (QUEIROZ, 2011, p. 151).

A pesquisadora questiona qual teria sido o preço pago por Macedo, autor que havia consagrado o início da prosa romântica no Brasil, após o fortalecimento do Realismo e do Naturalismo na literatura nacional. O pesquisador Rafael Bosisio (2007), em sua dissertação de Mestrado, também defendeu as mesmas hipóteses.

Tais hipóteses foram primeiro levantadas por Serra, no final do século passado:

Esse caráter de representante da literatura oficial rendeu muitas críticas a Macedo por parte dos novos escritores, ou seja, muitas críticas que eram feitas ao escritor, na verdade, estavam direcionadas aos órgãos governamentais que, de fato, Macedo representava – o Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro, o Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, e, até mesmo, o próprio governo imperial (SERRA, 2004, p. 69).

Outra hipótese levantada por Queiroz está relacionada ao fato de, no final do século XIX, a popularidade não ser mais vista pela crítica como sinônimo de prestígio literário, uma vez que “o *bom escritor* era aquele que deveria agradar o *bom gosto*, ou seja, o público mais letrado e especializado.” (QUEIROZ, 2011, p. 151). A obra de Macedo teria, então, sido discriminada pela crítica devido ao fato de ter conseguido agradar ao gosto do público, uma vez que, pelo novo critério avaliativo, se era popular não tinha qualidade. Macedo passou a ser criticado por ser popular e não se esmerar na forma, enquanto elogiava-se o estilo de Alencar.

Como Macedo fazia parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sua obra também desperta interesse na área de História, havendo pesquisas que analisam sua produção sob uma perspectiva histórica. É o caso da pesquisa de Bosisio (2007), já citada neste trabalho, e de artigos como o de Moraes (2004), que destaca a importância da obra *A moreninha* como rica em referências ao contexto social oitocentista, retratando suas contradições e fazendo crítica social. O artigo de Moraes sugere a utilização de obras literárias, como *A moreninha*, no ensino de história do Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da recepção crítica de *A moreninha* revela diferentes expectativas de leitura demonstrando a influência exercida pelo contexto histórico sobre as convenções literárias a partir das quais os romances macedianos foram avaliados. O que era considerado qualidade para os críticos contemporâneos à publicação do romance, tornou-se defeito para os críticos do final do século XIX e início do XX.

Segundo Zilberman (2008), se na primeira metade do século XX, o texto literário parecia ser a única preocupação dos críticos, nas últimas décadas daquele século e no século atual, o foco deslocou-se para as relações entre a literatura e o mundo que a cerca e passou-se a incluir o leitor, as mulheres e a identidade nacional. As teorias contemporâneas colocam a obra como ponto de partida, mas a estudam “inserida o mais amplamente possível em um contexto cultural diversificado.” (ZILBERMAN, 2008, p. 15). A utilização dessas novas teorias em suas pesquisas explicaria a nova visão sobre a obra de Macedo demonstrada pelos pesquisadores atuais.

Ao estudarmos a obra *A moreninha* inserida em seu contexto histórico de origem, fica claro que ela dialogava com sua época e que se adequava plenamente à ideologia vigente, que pretendia modernizar e civilizar o país seguindo valores de origem burguesa. As situações narrativas e os tipos de projeções presentes na obra iam de encontro ao desejo de corrigir hábitos e traços constantes da cultura local, que não combinavam com a imagem que se queria para o país. Como observa o pesquisador Kaviski (2009), a obra pode ser vista como um guia bem humorado de boa conduta, que pretendia mostrar brasileiros cultos e ajudava a construir uma imagem de país moderno. A obra acolhia as mudanças que estavam sendo operadas na Corte desde a chegada da família Real e registrava o otimismo reinante, o clima de fé no futuro da nação, a partir de um tom leve e despreocupado, bem diferente das trevas, lágrimas e sangue dos folhetins. Mas Macedo não pretendia apenas representar a sociedade em que vivia, como afirmaram alguns críticos, e sim modificá-la.

Os estudos desenvolvidos no século XXI dão continuidade a uma nova visão sobre a obra macediana, iniciada no final do século XX, e estão redescobrendo o seu valor. Tais estudos retomam a elogiosa crítica oitocentista feita ao romance *A moreninha* e fazem uma análise mais detalhada da obra, adotando não somente uma abordagem textual, mas também contextual. Dessa forma, pelo relatado nessas pesquisas, fica evidente a importância da obra para a formação do romance brasileiro.

Aliás, no seu próprio texto, Macedo já fazia a propaganda do novo gênero que começava a ser produzido no país. Logo no primeiro capítulo, Augusto e Filipe combinam que quem perdesse uma determinada aposta feita teria que escrever um romance. Ao final da narrativa, descobrimos que Augusto já o escreveu:

- Minha boa avó, exclamou Filipe, isto quer dizer que Augusto deve-me um romance.
- Já está pronto, respondeu o noivo.
- Como se intitula?
- *A Moreninha*. (MACEDO, 1998, p. 214).

As pesquisas atuais provam também que, ao contrário do que alguns críticos do século XX afirmaram, Macedo evoluiu em sua carreira literária. Há uma segunda fase em sua produção na qual podem ser encontradas características distintas das presentes em seu romance de estreia e um amadurecimento de outras características que já davam seus primeiros sinais em *A moreninha*. Uma releitura dos romances macedianos, tendo por base as novas teorias literárias, obtém como resultado uma visão bem diferente da que predominou no início do século XX em que, por omitir-se o contexto histórico-cultural ao analisar o texto, classificava-se *A moreninha* como obra possuidora de mero valor documental.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Circulação de livros entre Europa e América. *Polifonia*, Cuiabá. v. 14, p. 161-174, 2007.
- ALENCAR, Heron de. José de Alencar e a ficção romântica. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil. Era Romântica*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. v. 3, p. 231-321.
- ALMEIDA, Leandro Thomaz. *Trajetórias da recepção crítica de Joaquim Manuel de Macedo*. 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP.
- _____. *Recepção crítica oitocentista da prosa ficcional de Joaquim Manuel de Macedo*. 2005. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>. Acesso em: 10 fev. 2011.
- AMARAL, Sharyse Piroupo do. *Uma nação por fazer – escravos mulheres e educação nos romances de Joaquim Manuel de Macedo*. 2001. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, SP.

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOSISIO, Rafael de A. Daltro. *Entre o escritor e o historiador: A história do Brasil imperial na pena de Joaquim Manuel de Macedo*. 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. Introdução geral. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. v. 1. p. 221-232.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1836-1880)*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. v. 2.
- DUTRA E MELLO, Antonio Francisco. Notícia da Moreninha. In: MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. 9. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier. [18--]. p. 05-19. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>. Acesso em: 26 maio 2012.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática. 1994.
- KARAM, Bianca. *A escrita de uma tradição: Macedinho ou Macedo?* 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro, RJ.
- KAVISKI, Ewerton de Sá. Jogo de valores morais: um perfil dos leitores nos romances oitocentistas. *Revista Letras*, UFPR, Curitiba, n. 79, p. 11-34, set./dez. 2009.
- LAJOLO, Marisa. *Como e porque ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- MARTINS, Wilson. O ano da Moreninha. In: _____. *História da inteligência brasileira (1794-1855)*. São Paulo: Cultrix, 1977. v. 2, p. 300-326.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: das origens ao Romantismo*. São Paulo: Cultrix, 2001. v. 1.
- MORAES, Dislaine Z. A “tagarelice” de Macedo e o ensino de história do Brasil. *História*, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 85-107, 2004.
- QUEIROZ, Juliana Maia de. *As múltiplas facetas de Joaquim Manuel de Macedo: um estudo de A carteira de meu tio, Memórias do sobrinho de meu tio e A luneta mágica*. 2011. 159 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP.
- REIS, Ana Lúcia S. R. de Andrade. *O romance de folhetim no Brasil do século XIX - modelos e inovações*. 2005. Disponível em: http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/.../ana_reis.doc. Acesso em: 10 set. 2011.
- SERRA, Tania Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo e o romance romântico brasileiro: um educador no século XIX*. In: X BRASA, 2010. Disponível em: http://www.brasa.org/_sitemason/files/k1Ptde/Tania%20Serra.doc. Acesso em: 11 set. 2011
- _____. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: A luneta mágica do II reinado*. Brasília: UNB, 2004.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ZILBERMAN, Regina. Conceito, história e tendências contemporâneas. In:_____.
Teoria da literatura. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

Recebido em: 11/08/2012

Aceito em: 16/01/2013

Publicado em: 27/03/2013

THE HISTORICAL CONTEXT AND THE CHANGES IN CRITICAL RECEPTION OF A MORENINHA

ABSTRACT: *This article aims to analyze the changes in critical reception of the work A moreninha, of Joaquim Manuel de Macedo, over the centuries XIX, XX and XXI. The reception of eighteenth century, contemporary to the publication of the novel, was extremely positive and A moreninha obtained success of public and critical becoming the first Brazilian bestseller. This same work, in the twentieth century, it was pointed out by some critics as possessing a mere documentary value. In the current reception, the value of the work is rescued by researchers that, by analyzing it taking into account its historical context of origin, highlight its importance for the formation of the Brazilian novel.*

KEYWORDS: *A moreninha; critical reception; historical context.*